



Narrativas Jornalísticas Agendamento X Espetáculo na Mídia¹

Daniela Cristina Peiter Tondolo²

Jean Carlos Prado de Souza²

Elias José Mengarda

Universidade Federal de Santa Maria

Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul

Resumo

O jornalismo é o grande divulgador dos fatos socialmente relevantes. Sua função é manter a população informada a respeito de notícias factuais. A seleção do que pode ser projetado como fato é a chave de todo o trabalho do profissional da comunicação, pois determina, à opinião pública, o tema e a maneira como nele pensar. Ao enfatizar dramas e tragédias humanas em matérias repetitivas, a notícia adquire formato de ‘estória’, quase obrigando o ouvinte a permanecer na platéia para assistir ao show até o fim. Da mesma forma acontece quando é trazido a público um processo jurídico, novamente forçando o receptor a julgar fatos. Tem-se nestes formatos noticiosos grandes narrativas que por um longo tempo envolvem o receptor.

Palavras-chave: Agendamento; estórias; espetáculo; opinião pública.

1 Introdução

Analisaremos neste artigo a forma como a mídia, de forma geral, supera o processo de formação da notícia, elevando seu prazo de existência no espaço de tempo dentro da própria mídia. Assim sendo, a notícia abandona seu conceito inicial, perdendo as características de atualidade, veracidade e credibilidade. A partir disso, ganha uma estrutura novelística, própria da cultura do espetáculo, percebida com mais intensidade no contexto atual, em que os critérios de noticiabilidade, em muitos casos, estão em segundo plano, fazendo da notícia um produto de consumo, criando o que chamamos de espetacularização.

Os fatos jornalísticos apresentados através de narrativas – específicas em cada mídia – direcionam para dois impactos diferentes na opinião pública. Quando os fatos explorados são tragédias humanas, por exemplo – como o caso Isabela Nardoni abordado no artigo – cria-se uma espetacularização. Por outro lado, quando os fatos

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior no DT 1 – Jornalismo.

² Alunos do curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo.



trazidos com frequência referem-se a assuntos tais como ações governamentais, políticas, e/ou educacionais, a mídia acaba por estimular o debate na opinião pública. Para exemplificar isso usamos as manchetes da série Caos Penitenciário. Os dois resultados, embora diferentes, são explicados pela Teoria do Agendamento, assim definida por Pena (2008, p.142):

A teoria do agendamento defende a idéia de que os consumidores e notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendem nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos.

Para a análise tomamos como subsídio as manchetes da Série Caos Penitenciário veiculada por um dos maiores jornais impressos do estado do Rio Grande do Sul: Zero Hora. A série retrata a situação calamitosa dos presídios estaduais gaúchos, colocando em debate a privatização dos mesmos. As reportagens passaram a ser apresentadas desde o dia dezoito de março de dois mil e nove, e desde então foram amplamente abordadas. Para contrapor, usamos o caso Isabela Nardoni, largamente discutido no ano de 2008 por todas as mídias nacionais, na perspectiva de mostrar que o agendamento pode produzir efeitos positivos (debate na opinião pública) e também negativos (espetacularização).

2 Narrativas Jornalísticas e o Agendamento na Mídia

A arte de fazer jornalismo está baseada na produção diária de narrações, sejam elas escritas, faladas e/ou interpretadas, dependendo do meio usado para a divulgação. Embora o jornalista não seja um literato, sua função é repercutir os acontecimentos, transformando fatos em notícia. Desse modo ele pode ser considerado um contador de “estórias”. Gaye Tuchman (1976/1993, p.30) afirma:

[...] dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna.

A afirmação de Tuchman aceita a definição das narrativas jornalísticas como estórias, uma vez que entende a relação lógica com a literatura, não desmerecendo o seu



valor noticioso. No entanto, uma matéria isolada, por si só, não é considerada narrativa. Esta requer capacidade de domínio da linguagem jornalística, seguindo fiantemente as suas regras estilísticas tais como: a voz ativa, as palavras concretas, a descrição detalhada, a precisão do pormenor e uma sintaxe direta e concisa. Além disso, de acordo com Traquina (2008) “A narrativa noticiosa tem um padrão de continuidade tal que permite o reconhecimento por parte das audiências”. Isso significa que uma notícia se transformará em estória em virtude de sua permanência na mídia, ou seja, no espaço de tempo em que circulará entre a opinião pública (OP). Alguns estudiosos da comunicação classificam essa exposição excessiva de alguns casos na mídia como espetacularização da notícia. Na realidade, isso nada mais é do que a atribuição de um caráter teatral ao fato, com acréscimo de técnicas como o suspense, fator que acentua a curiosidade do público.

Essa ferramenta utilizada cada vez com mais frequência remete ao capitalismo inserido em todas as mídias, já que a comunicação é uma fonte inesgotável de lucros. Todavia, nem sempre as narrativas visam a espetacularização, muitas vezes servem como instrumento para a inserção de temáticas para debate na OP, fenômeno descrito como Teoria do Agendamento. Assim definido por Mc Combs e Shaw (1993, p.33):

O agendamento é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis do agendamento.

Segundo esta teoria, a mídia é a grande promotora dos debates públicos, sugerindo as pessoas temáticas para reflexão, inclusive, posicionamentos. Segundo Pena (2008): “A hipótese do *agenda setting* não defende que a imprensa pretende persuadir. A influência da mídia nas conversas dos cidadãos advêm da dinâmica organizacional das empresas de comunicação, com sua cultura própria e critérios de noticiabilidade”.

Quando a veiculação das notícias ultrapassa seu prazo de “validade” (critérios de noticiabilidade) acabam entrando no âmbito da espetacularização, tornando-se uma espécie de novela da vida real. Porém, se estas, mesmo que com longa duração no espaço de tempo, permaneçam fiéis aos objetivos do jornalismo investigativo, irão agendar discussão na OP, sem promover espetáculo.



2.1 O Agendamento como Produtor de Debate na Opinião Pública

2.1.1 Série Caos Penitenciário

Jornalistas não inventam notícias (ou pelo menos não deveriam), elas existem por si só. O papel dos profissionais do jornalismo consiste em transformá-las em documentos oficiais para que sejam transmitidas a sociedade em geral. No entanto, nem tudo é noticiado, uma porque não há espaço para tal, outra porque segundo os critérios de noticiabilidade nem tudo merece ser publicado. Traquina (1988, p.29) assim define o fenômeno noticioso: “As notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento”. Significa que existe um ciclo interminável que se justifica na teoria do agendamento. Quer dizer, a mídia “fala” de grandes fatos, agendando os assuntos na opinião pública, e grandes fatos ocorrem em virtude do que a mídia “fala”.

Para demonstrar a maneira como a mídia agenda os temas para debate público tomamos como objeto de análise a série *Caos Penitenciário* publicada pelo jornal impresso diário *Zero Hora*, que pertence ao grupo RBS. A primeira reportagem foi veiculada no dia 18 de março de 2009, com a seguinte manchete na capa: “Governo Yeda estuda implantar presídios privados”. Nos dez dias seguintes, o assunto voltou a capa mais seis vezes, com os seguintes títulos: Juiz explica porque soltou três homicidas (21/03); Como funciona um presídio privado (22/03); Burocracia agrava a superlotação (24/03); Prisões interditas no RS abrigam 9,6 mil presos (26/03); Prós e contras de privatizar os presídios (27/03); Presídios privados opções juízes gaúchos e Tarso (28/03).

Existe uma tendência muito forte de as pessoas terem como assunto nas suas pautas os mesmos pautados na mídia, sobretudo quando é uma mídia de destaque, como é o caso do jornal *Zero Hora*. Dessa forma, o assunto *Caos penitenciário* facilmente entrou na agenda pública, até porque envolve diretamente a população. Como explica Traquina (2005, p.84):

Frequentemente, um tema ou acontecimento é capaz de servir as relações públicas ou exigências ideológicas de um grupo de poder. Estes temas ou acontecimentos são então vistos como ‘grandes estórias’ e podem ajudar a mobilizar a opinião pública numa direção específica. Em todos esses casos, a cobertura dos mídia ou a ‘publicidade’ salienta e mobiliza o apoio público para ações da política internacional ou nacional.



Com a publicação da série, a OP é levada a debater o assunto, tendo como base as abordagens trazidas pelo veículo, que traz implícito em seu conteúdo a aspiração de que a população manifeste seu posicionamento em relação à problemática levantada, que posteriormente será colocada em votação na assembléia. Um fator que ajuda no fortalecimento da importância do assunto é o caso de ele ter sido publicado tantas vezes na capa do jornal, o que aumenta a carga de importância do mesmo.

O efeito de agendamento proporcionado pela mídia nesse caso é positivo, pois o jornalismo cumpre com sua função de excelência que é informar a população sobre aquilo que movimenta a sociedade, possibilitando a esta diferentes tipos de conhecimentos. Toda vez que os meios de comunicação fornecem esclarecimentos a respeito de ações políticas, educacionais, de saúde, infra-estrutura, etc, está agendando assuntos não só importantes, mas necessários, e desempenhando com sucesso seu papel social. Segundo Wolf (2002) “A influência da mídia é admitida na medida em que ajuda a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas.”

2.2 O Agendamento como Entretenimento

2.2.1 Caso Isabela Nardoni

Desde o início do século XXI, poucos acontecimentos ganharam tanto espaço e repercussão na mídia brasileira como o brutal assassinato da menina Isabella Nardoni, asfixiada e jogada do sexto andar de um edifício de São Paulo, em 29 de março de 2008. Nos últimos tempos, muitos acontecimentos interferiram diretamente na vida dos brasileiros: a CPMF deixou de existir, deputados pediram demissão, tragédias aéreas foram registradas, a crise mundial assolou a economia... Mas nada disso, porém, superou a comoção nacional e a cobertura da mídia como o assassinato de Isabella Nardoni.

O fato rapidamente se transformou na “nova novela das oito”, principalmente para mídia televisiva. Todos os dias, um turbilhão de notícias, hipóteses e acusações eram “despejados” sobre os telespectadores, que têm a televisão como o único ou principal canal de informações.



Nessa busca incessante pela divulgação e pela audiência, as redes de televisão muitas vezes divulgavam informações de caráter um tanto duvidosos. Um exemplo disso seria a precipitada acusação feita ao pai e a madrasta da menina. Informações que induziam conclusões e testemunhas não confiáveis, fizeram do casal, o único foco para as investigações. Tempo depois, o casal veio a ser considerado culpado, e hoje cumpre a pena em regime fechado. Baseado nesse contexto, imagine se os acusados pela mídia fossem inocentes? A mídia tem o direito de expor as pessoas à opinião pública? Certamente, o caso da menina Isabella poderia ter tido um desfecho mais rápido se a polícia soubesse guardar com mais sigilo suas conclusões prévias e se a mídia tivesse mesmo disposta a contribuir para as investigações, menos dada ao espetáculo.

A televisão, por sua vez, usou do sensacionalismo e da manipulação na cobertura do assassinato da menina para influenciar os jornais impressos e os portais de notícia da internet, que como consequência acabaram “embarcando” nessas idéias. Segundo o colunista da Veja.com, Reinaldo Azevedo: “A banalização da morte, ainda que por meio de sua espetacularização, nada mais é do que a banalização da vida. É uma das faces do triunfo do mal”.

A construção da narrativa “Caso Isabela Nardoni” levou a opinião pública a falar a respeito disso e a emitir opiniões de julgamento acerca dos envolvidos. É aí que percebe-se os efeitos do agendamento espetacularista da mídia, onde uma tragédia apresentada agenda outras, ainda mais fortes.

3 Jornalismo, Função e Ética Profissional

Os jornalistas recém-formados saem das faculdades com a ânsia de expor e colocar em prática, no mercado, novas teorias e fundamentos trabalhados durante sua vida acadêmica. Mas na realidade, isso nem sempre acontece. Na busca por um emprego e estabilidade econômica, os novos jornalistas encontram empresas que utilizam critérios e regras próprias na divulgação de informações. Com o medo do desemprego, acabam sendo “obrigados” a trabalhar nessas empresas e seguir suas normas, não podendo colocar em prática as novas idéias.

Como consequência, acabam indo contra seus princípios, “manchando” ainda mais a ética jornalística brasileira na busca de pontos na audiência.



“O jornalismo não necessariamente informa de forma perfeita em todas as situações. Muitas vezes ele deforma, distorce”, avaliou Mario Vitor Santos, no Programa Observatório da Imprensa, da TV Cultura, do dia 29/04/08. O jornalista disse ainda que é preciso cobrar qualidade, distanciamento e ética profissional da imprensa. “É preciso buscar a verdade, mas respeitar a dúvida”.

Em um mundo globalizado e competitivo, qualquer ponto a mais de audiência ou aumento na tiragem de jornais e revistas significa mais publicidade, mais visibilidade, mais dinheiro e mais lucro, fugindo ao dever ético de informar de maneira séria e objetiva, transformando a mídia em uma promotora de um grande e mórbido espetáculo.

Rede Globo e Rede Record são um exemplo na disputa pela audiência e no não cumprimento dos princípios jornalísticos. Com isso, influenciam a cobertura do restante dos veículos de comunicação, inclusive a mídia impressa, tradicionalmente mais imparcial e ética.

Com tanta tragédia explícita nos telejornais, a mídia televisiva garante pontos do íbope na engrenagem da nova programação, ressuscita velhos mecanismos do tradicional “jornalismo sensacionalista”. Porém, seus apresentadores não conseguem disfarçar o constrangimento de anunciarem tanta notícia ruim, transformadas em espetáculo.

A ética jornalística está sendo deflagrada. Há excessos nas coberturas ao vivo e manipulação sobre o que é conveniente apresentar. A mídia perde seus limites sob o pretexto da liberdade de informar, mesmo porque está difícil discutir os limites do que deve ou não deve ser transmitido.

Na sociedade do consumo e do espetáculo o interesse maior reside na espetacularização de todos os temas e a violência se presta plasticamente a essa espetacularização. Segundo Robson Terra:

A programação da televisão brasileira que se autodenomina portadora de certificado de qualidade, pretende camuflar ou fazer a maquiagem do conteúdo popularesco que pauta suas edições em apelação, vigorosa e desesperada, no sensacionalismo dos telejornais. Com o advento das novas mídias, os meios de comunicação de massa estão disputando centímetros de leitores ou pontos preciosos na audiência para reposicionamento estratégico de mercado. Um desespero nunca visto antes.

Os estudiosos de comunicação classificam essa exposição excessiva de alguns casos na mídia como espetacularização da notícia. Na realidade, a isso nada mais é do



que a atribuição de um caráter teatral ao fato, com o acréscimo das técnicas do suspense, o que acentua a curiosidade popular, aumenta a venda de jornais e revistas e a audiência das emissoras de televisão e rádio.

Mas o verdadeiro sentido não está no pensamento transmitido por imagens tremendas vinculadas pela mídia, nem na dor que vem da dor exposta. A significação maior é construída pelo poder e pela mídia, que moderna e indisfarçavelmente são inseparáveis.

4 Considerações Finais

Ao selecionar notícias e fatos, isto é, ao editar matérias conforme seus interesses, a mídia estabelece uma hierarquização dos acontecimentos, tornando o mundo social real estereotipado e simbólico. Ao determinar pautas e/ou envolver os indivíduos em tramas dramáticas, a mídia constrói a massificação do público.

O papel dos meios de comunicação torna-se cada vez mais importante na sociedade moderna. As pessoas não têm tempo suficiente para buscar informações fora do seu campo de trabalho, aí entra a mídia como fonte de informação pura. Por isso, a importância de, cada vez mais, o jornalismo desenvolver um trabalho sério, honesto e sem pretensão de alienar a opinião pública em detrimento da audiência, popularidade e consumo. À medida que a indústria da informação evolui, tanto mais se faz necessária a correta seleção e divulgação dos acontecimentos relevantes socialmente.

Ao abordar temas dramáticos, como o caso Isabela, a mídia deve ter a competência de transmitir a notícia sem torná-la um espetáculo. A sua publicação insistente torna o fato uma trama novelística que pode causar efeitos perturbadores na opinião pública, que por razões emocionais envolve-se de tal forma com a história que pode vir a acontecer uma tragédia ainda maior. O dever da mídia é informar, e não estabelecer juízos de valor (embora o faça).

A melhor forma de não transformar o jornalismo em espetáculo seja através da narração, dos dossiês ou do agendamento, é manter as tradicionais perguntas da profissão: Qual a importância do fato para a população? É relevante? Com que finalidade será transmitida essa notícia? Se o profissional encontrar respostas adequadas para estas perguntas, com certeza a notícia cumprirá seu papel social corretamente.



Referências bibliográficas

AZEVEDO, Reinaldo. **A banalização da morte banaliza a vida.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/04/banalizacao-da-morte-banaliza-vida.html>. Acesso em: 08 mai.2008.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à Venda.** 2 ed. São Paulo: Summus, 1988. 188 pag.

MELLO, Elson Rezende de. **A tragédia de Beslan e a violência na televisão.** Disponível em: <http://www.midiativa.org.br/index.php/educadores/content/view/full/1178/> . Acesso em: 02 jun. 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 235 pag.

SANTOS, Mario Vitor. **Entrevista concebida ao Programa.** Observatório da Imprensa. TV Cultura, São Paulo, 29/04/08. Disponível em: http://www.redebrasil.tv.br/observatorio/arquivo/principal_080429.asp. Acesso em: 19 mai. 2008.

SAYÃO, Rosely apud SOUZA, Robson Sávio. **A espetacularização da barbárie e a cabeça de nossas crianças.** Disponível em: <http://mariafro.blogspot.com/2008/04/espetacularizacao-da-barbrie-e-cabea-de.html>. Acesso em: 19 mai. 2008.

TERRA, Robson. **Se furar espirra sangue.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/5164/1/se-furar-espirra-sangue/pagina1.html>. Acesso em: 08 mai. 2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2005. 220 pag.